

A internet vai mudar de cara

Gregory Huang

O próximo bilhão de usuários vai criar fronteiras culturais e políticas na rede, diz pesquisador de Harvard.

Recentemente, a internet ultrapassou um marco: o bilionésimo usuário se aventurou on-line. Mas a idéia de que todos trabalhamos e nos divertimos em uma internet global única é ilusão, diz o especialista em internet Ethan Zuckerman, da Universidade Harvard, criador de uma comunidade de blogs internacional. A rede está se tornando mais fragmentada, e as fronteiras internacionais são cada vez mais visíveis on-line. Segundo ele, o próximo bilhão de usuários, vindos de países como o Brasil, a China e a Rússia, vai mudar a cara da rede. A tecnologia que acreditávamos que ia nos unir estará nos separando?

ETHAN ZUCKERMAN

■ QUEM É

Pesquisador no Centro Berkman para Internet e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Harvard em Cambridge, Massachusetts



■ O QUE FAZ

Administra o Global Voices, uma comunidade on-line de blogs de todo o mundo

■ O QUE FEZ

Foi co-fundador da Tripod, uma das primeiras empresas pontocom, que foi comprada pela Lycos em 1999

ÉPOCA - Agora, com 1 bilhão de pessoas conectadas, podemos considerar a internet realmente global?

Ethan Zuckerman - Estamos acostumados à idéia de que vivemos com uma internet só. Pode ser mais lenta em alguns lugares que em outros, mas ela é basicamente a mesma. Isso não é mais verdade. Parou de ser verdade quando franceses e alemães começaram a bloquear sites neonazistas. E mais ainda quando a China conseguiu um firewall eficiente para bloquear certos websites. A robusta indústria da internet na China não está voltada para o mundo. Apenas para o próprio país.

ÉPOCA - Quais são as mudanças demográficas na internet?

Zuckerman - Se observarmos a quantidade de gente na internet, a maioria está na América do Norte, China, Europa, Coréia do Sul e no Japão. O próximo bilhão de usuários provavelmente virá de Brasil, Rússia, Índia, África do Sul e China, as potências mundiais em desenvolvimento. Uns poucos países africanos também estão chegando rapidamente. Isso muda tudo. Quando um monte de pessoas que falam chinês estiverem na internet, por exemplo, elas não precisarão aprender inglês para interagir. Não vão postar em inglês.

ÉPOCA - Isso já não acontece?

Zuckerman - Já vimos um pouco disso no Orkut. Os brasileiros aderiram em grande escala e acabaram dominando-o de uma forma que incomodou os outros usuários. Os americanos começaram a dizer: "Parem de usar o português. Esse é um serviço em inglês. Um serviço americano!". Na verdade, não é um serviço em inglês. Ao contrário. Foi criado para permitir que as linhas divisórias internacionais fossem ultrapassadas. Orkut é o nome do programador

turco que criou o serviço. Mas traz uma idéia que foi incorporada pelo primeiro bilhão de usuários da internet. A idéia de que as pessoas, quando chegarem a um ponto de desenvolvimento econômico em que podem ter acesso à internet, com certeza vão saber inglês. Com certeza vão ter os mesmos valores culturais e coisas desse gênero.

"Casos como o escândalo das charges na Dinamarca vão virar rotina. Não estamos prontos para isso, mas está acontecendo"

ÉPOCA - Evidentemente, não é o caso.

Zuckerman - O próximo bilhão de usuários não vai ser assim. Serão pessoas muito diferentes, com menos boa vontade para falar uma língua comum. Terão culturas e suscetibilidades diferentes. Casos como o escândalo por causa das charges na Dinamarca (desenhos de Maomé que provocaram protestos de

muçulmanos em todo o mundo) vão virar rotina. Não estamos prontos para isso, mas está acontecendo.

ÉPOCA - Como essas pessoas vão entrar?

Zuckerman - O próximo bilhão vai entrar na rede usando celulares com telas e teclados, PCs de baixo custo e laptops, que estão cada vez mais baratos. Para chegar ao terceiro ou quarto bilhão vai ser um pouco mais complicado. É aí que entram programas como "um laptop por criança", de Nicholas Negroponte, no Massachusetts Institute of Technology. Quando 3 bilhões de pessoas estiverem on-line, incluindo todas as crianças em idade escolar do mundo, criando conteúdos e hackeando sites, blogando, compartilhando fotos e música, teremos um admirável mundo novo.

ÉPOCA - Dá para reunir vozes de diferentes países e culturas na internet?

Zuckerman - Em 2004, fundei o Global Voices. Ele agrega blogs de todo o mundo, é uma rede de notícias feita com postagens do mundo inteiro. É montado por editores regionais que acompanham o que está acontecendo em suas comunidades. É a única forma de acompanhar os blogs ao redor do mundo. Está disponível para quem fala inglês. A grande mídia deixa passar histórias sobre algumas das partes mais importantes do mundo. Ao ressaltar o que as pessoas estão pensando e sobre o que estão conversando em seus blogs, conseguimos contrabalançar isso.

ÉPOCA - Quantas pessoas lêem essas postagens?

Zuckerman - No começo de 2006 foi 1,1 milhão. A página principal está ficando difícil de ler porque tem muita coisa. É possível fazer assinaturas por países, regiões ou tópicos. Para nós, o importante são os editores. Quando as informações explodem na rede, precisamos de editores para destacar o que é bom. Por exemplo, temos um editor para a América Latina que envia uma lista com os cinco ou seis melhores blogs do dia. Se você for um cidadão interessado, provavelmente vai querer esse e-mail.



O PRÓXIMO BILHÃO
Cibercafé em Pequim: uma internet com censura

ÉPOCA - A internet é global, mas a maior parte da tecnologia vem do Ocidente.

Zuckerman - A maior parte do mundo lida com a tecnologia com uma atitude do tipo "é feito nos EUA, nós vamos usar". Os blogueiros da África usam o Blogger.com. Não se importam que o serviço é sediado na Califórnia. O que importa é que é grátis. Não é o caso dos blogs chineses. A China está produzindo uma quantidade enorme de tecnologia própria e competindo com as empresas americanas. E os serviços baseados lá estão sujeitos a censura.

ÉPOCA - Quais são os efeitos do aumento da conectividade sobre a sociedade?

Zuckerman - Por um lado, os desafios que queremos enfrentar hoje em dia são os globais. Pandemias, aquecimento global e pobreza são, por natureza, problemas que ultrapassam fronteiras. Ao mesmo tempo, a internet nos livra das limitações de onde nascemos e crescemos. Ao estabelecer redes e amizades que atravessam fronteiras, nosso sentido de identidade é ampliado. Meu círculo social agora inclui jovens do Camboja e jornalistas do Bahrein. Durante anos, os ambientalistas disseram "pense globalmente, aja localmente". Agora, podemos pensar e agir globalmente.

ÉPOCA - E as desvantagens?

Zuckerman - É possível argumentar que o aumento da conectividade poderia ser ruim, mas eu não acredito. No curto prazo, somos muito paroquianos. Tendemos a nos adaptar muito lentamente e ignorar o que não entendemos de imediato. Poucos americanos têm um relacionamento realmente positivo com alguém no mundo árabe com quem possam contar, por exemplo. Conforme formos estabelecendo mais e mais relações como essas, vai ficar cada vez mais difícil tomar decisões globais idiotas.

Fonte: Época, n. 462, p. 80-82, 26 mar. 2007.